

4 Nortes

Por Felipe Paros

Vá para Oeste, jovem!

Assim diziam os norte-americanos na época da expansão do seu vasto território, durante o século XIX. Já nós, no início do século XXI, no Brasil, preferimos seguir a orientação da bússola e uma intuição muito particular.

Víamos para o Norte

Nenhum dos cinco professores do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Rondônia nasceu ou cresceu aqui. Curitiba, São Felix de Minas, São Paulo, Niterói... Foram muitos os pontos de partida e um só o ponto de chegada. Nisso, não somos diferentes de tantos outros que vieram para cá. Rondônia se orgulha de ser uma terra de pioneiros.

Víamos motivados por um desafio: consolidar uma área nova nesta universidade, a única pública do Estado, e contribuir para o fortalecimento das Artes Visuais em uma realidade ainda um tanto incipiente para ela: são poucas as instituições, são poucos os espaços, são poucos os apoios. Mas a arte, esta há.

Desde o início dessa história, em 2010, os primeiros de nós a chegar compreenderam a necessidade de um espaço como este que agora abrimos à comunidade docente, discente, técnica-administrativa e extramuros da Unir: um espaço de pesquisa e de experimentação artística, território livre para a produção poética e zona de contato com experimentações artísticas desenvolvidas em outros centros do país. Seis anos depois, eis que temos este espaço, que só foi possível graças a um grande esforço coletivo.

Quatro histórias, quatro professores, quatro poéticas, quatro nortes...

Felipe Paros

Mestre em Artes pela Universidade Estadual Paulista - Unesp (2005). Professor no Departamento de Artes da Unir, membro do Grupo de Pesquisa “Arte Construtiva e Poéticas da Visibilidade” (Unesp).

André Rigatti

Mestre em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina - Udesc. Atua como Artista Plástico. Professor no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Rondônia - UNIR.

Edison Arcanjo

Mestre em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes. Atua como Artista Visual. Professor no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Unir.

Samira Margotto

Doutoranda na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - USP. Professora do curso de Artes Visuais da UNIR. Desenvolve pesquisa no campo da história da arte e práticas artísticas.

André Rigatti

Sobre Não-Paisagens

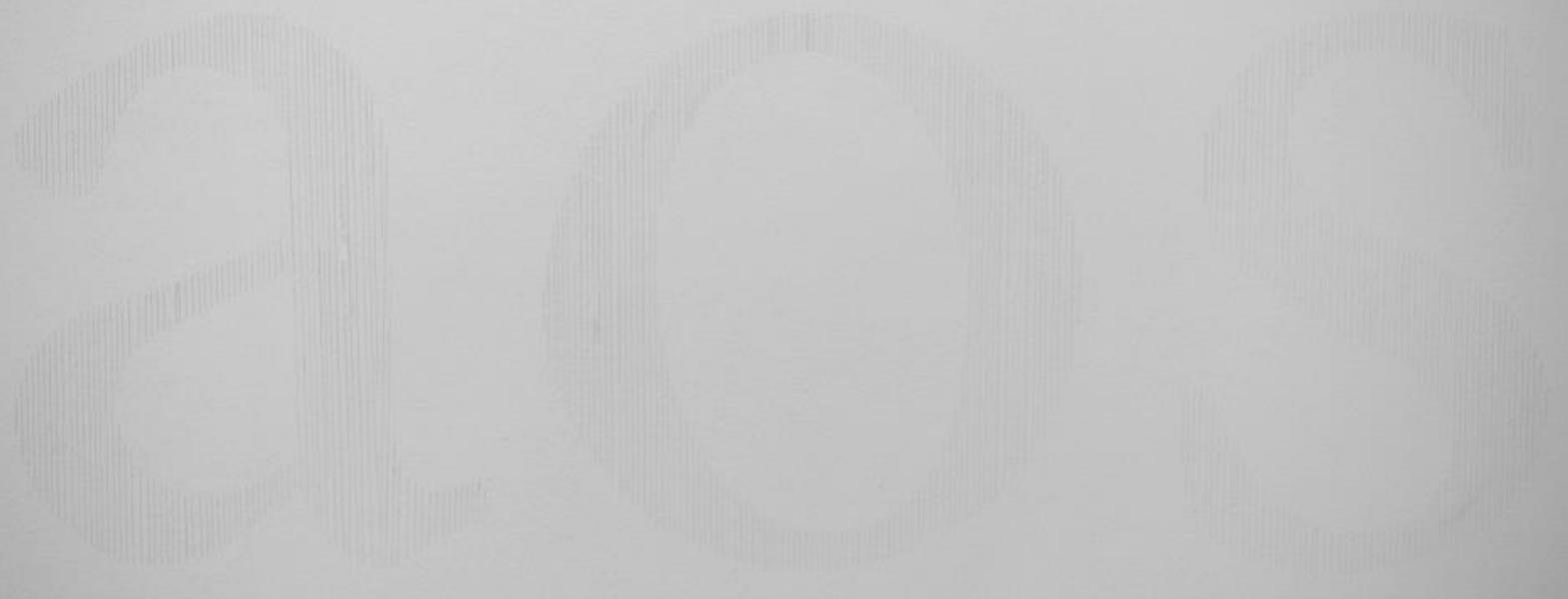
A série de trabalhos que apresento na exposição 4 Nortes na Galeria de Arte da UNIR são um recorte de minha pesquisa atual no campo da pintura. Estes trabalhos são desdobramentos de investigações iniciadas ainda em 2005, onde a pintura é pensada como um jogo entre camadas, densidades, opacidades e transparências, e ainda um confronto com a percepção do observador e um pensamento sobre a ocupação do espaço físico expositivo pelo objeto pictórico.

Nesta série trato de questões relativas ao confronto ou embate entre dualidades, construo paisagens que não são paisagens propriamente ditas, pois se consolidam entre o abstrato e o figurativo, entre o geométrico e o orgânico. Apresento também a oposição entre matérias, intercalando camadas fluídas aquareladas e outras densas e espessas construídas com tinta óleo. Máscaras são aplicadas para resguardar camadas anteriores, memórias do processo se mantém. Estas máscaras formam delicadas e precisas linhas de contorno que cortam toda a horizontalidade do espaço, porém possuem pequenas reentrâncias que quebram a tradicional linha do horizonte. Se antes com as influências da cidade meu trabalho apresentava relações com skylines de prédios e edifícios, nesta série mais recente a relação com a fluidez do rio e a frontalidade da floresta prevalecem trazendo a tona reflexos do local onde vivo e produzo atualmente.

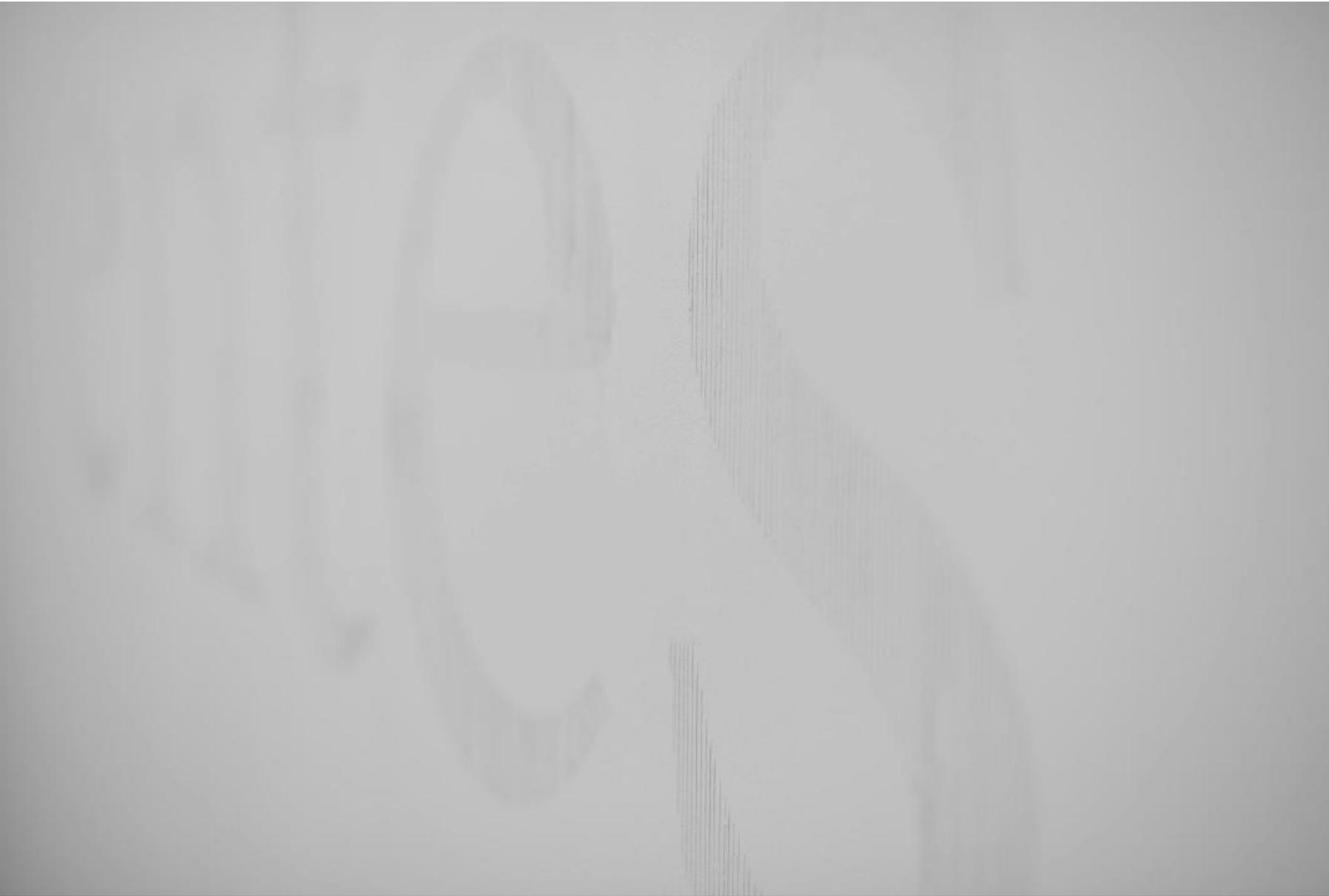
Este espaço entre que normalmente é citado, é fruto de uma busca, de uma inquietação e de uma indefinição de estados e matérias, pois é neste não-local que encontro não-respostas, pois não há nada a ser respondido e sim vivenciado.



Edison Arcanjo



aos entes | ago. 31/2016. Uma instalação. Prelúdio para um jogo de corpo intermitente em que um expectador realiza rituais de busca mediante sua máxima presença. Exaltação de figuras frente ao fracasso evidente da imagem-destaque. Oferta (eis-me aqui visível). O que sobra. Experiência de linguagem, objeto de escuta do olhar, engenharia de tempo a perder, delicada saudação aos que estiveram, fizeram, desapareceram e, ainda desaparecem sob o vil véu dos viventes. Uma origem: luz negra. Anterior experiência com imagens materializadas sobre Celulose. Retratos, sobretudo de entes queridos - próximos, distantes, vivos ou falecidos - gravados em suporte cor



de chão enquanto destruía-se um “original” à finas lâminas cortantes. Da destruição dessas primeiras figuras, outras se revelaram nas marcas desse rito, sob a ação de uma luz comum que compartilhamos. Uma nova imagem, gravada, mas frágil, não apta a concorrer pela evidência do espetáculo, instaura-se. Tempo como experiência. Nenhuma manipulação a priori é sugerida como gesto estético. Se há, faz-se via uma técnica vulgar, ação repetitiva, num esvair-se de expectativa do novo, como abertura para o relance de um outro olhar, sobre o signo/palavra/imagem/coisa. Foto: Gabriel Bcho.

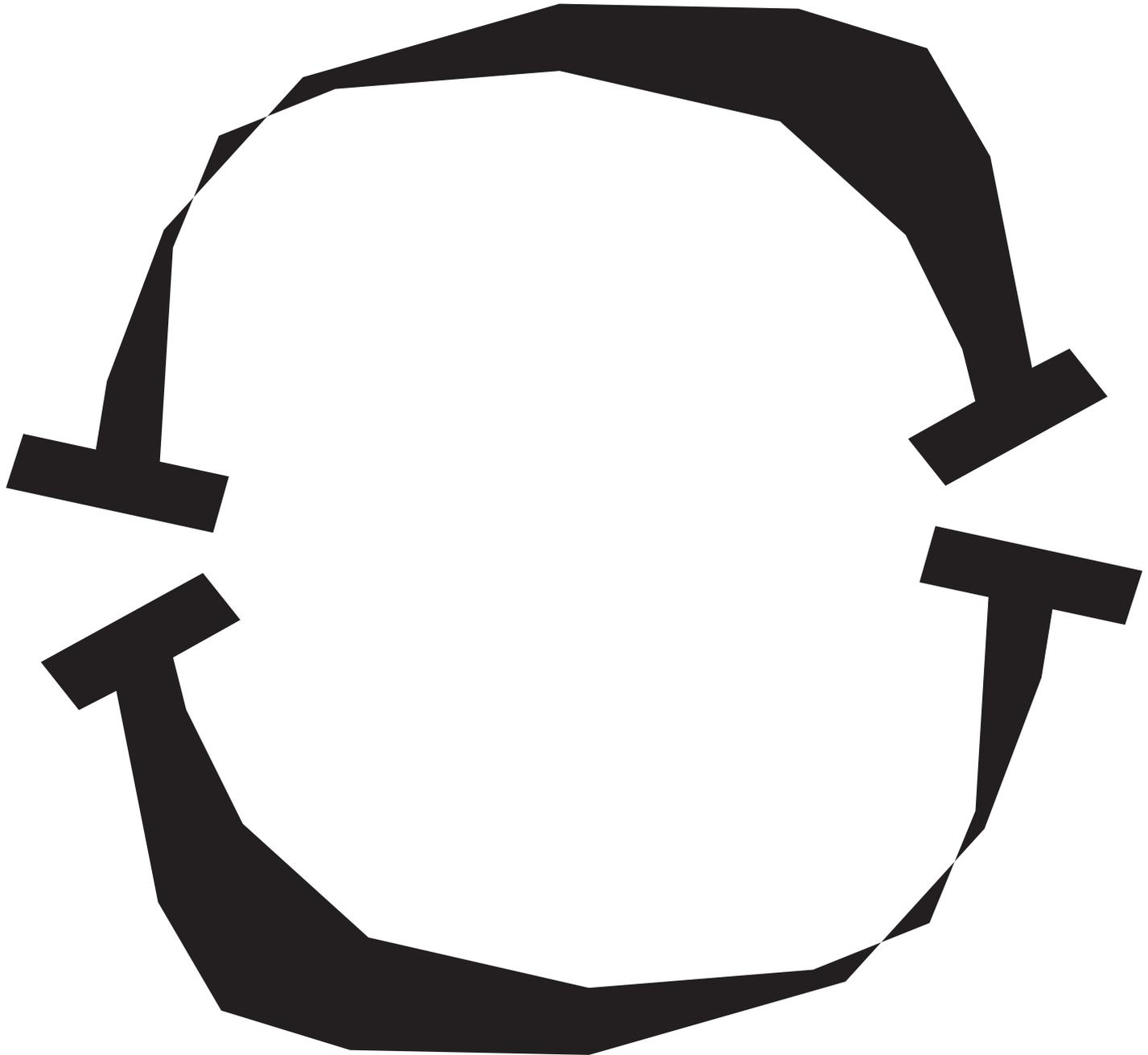
Felipe Paros

Ingueangue

Ingueangue nasceu de um jogo, uma brincadeira: a descoberta, meio por acaso, de um chiste visual, na praça de alimentação de um shopping center. Para almoçar em uma conhecida lanchonete estadunidense, pedi um certo lanche “feliz” que vem dentro de uma caixinha vermelha com alças, tal como uma lancheira de papel. A caixinha estava estampada com um sorriso estilizado meio abobado em amarelo sobre vermelho. Rasguei a caixa de maneira a ficar apenas com os pedaços dos sorrisos (dois, um de cada lado da “lancheirinha”). Manuseando os sorrisos sobre a mesa da lanchonete, percebi que bastava mudar sua orientação para que toda a alegria do lanche fosse embora: eis que surgiam duas bocas tristes, um tanto ridículas. Em dado momento, uni os dois sorrisos pelas “extremidades” ou pelos “cantos das bocas”, obtendo uma forma entre a circular e a ovóide. Nessa mesma hora, lembrei-me de uma imagem parecida, e que tinha em comum com a minha ser uma representação da passagem de um para outro, de estados ou naturezas complementares: o antigo símbolo chinês do Yin e do Yang, conceitos relacionados ao Taoísmo Filosófico e Religioso: Sol e Lua, luz e trevas, positivo e negativo, seco e úmido, quente e frio, macho e fêmea, movimento e estabilidade.

Dessa vez, o sorriso foi meu: um pequeno poema visual acabava de nascer durante o meu almoço! Do chiste visual para o chiste verbal, foi um pulo. Yin e Yang tornaram-se Ingueangue, uma palavra inventada (como as palavras-valise de James Joyce) que compartilhava com os sorrisos amarelos algo de seu aspecto abobado (assim como dadá, a princípio, era um balbuciar infantil e nada mais). E por questões financeiras, para a versão apresentada na exposição “4 Nortes”, o amarelo tornou-se preto, e o vermelho tornou-se branco.

Mas eu falei poema? Sim, poema. Um poema visual. Sou o que se chama de “poeta bissexto”, e quando faço poemas, eles quase sempre são visuais: não são feitos de rimas, mas podem surgir do cruzamento entre palavras, imagens, sentidos... Intersemióticos, portanto. Os pratico, quando os pratico, desde que tive contato com a Poesia Concreta e Intersemiótica brasileiras, a primeira surgindo nos anos 50, a segunda, partindo da anterior e alargando suas possibilidades, a partir dos anos 60. Augusto de Campos, Décio Pignatari, Erthos Albino de Souza, Omar Khouri, Paulo Miranda, Lenora de Barros e Sonia Fontanezi são alguns dos meus heróis...





Samira Margotto

TUDO QUE SE CONFUNDE COM AMOR E OUTRAS DISTORÇÕES

Tudo que se Confunde com Amor é uma série de fotografias que teve início em 1998, e uma mesma questão perpassa os trabalhos: o que pode ser mais desolador do que as máscaras sociais que utilizamos em momentos de extrema fragilidade pessoal? Frente à desolação cotidiana nos resta agradecer, dissimular indiferença e seguir adiante, ainda que destituídos de qualquer norte...

A matéria-prima do projeto desde então, é sempre a mesma: um coração de porco que, segundo os especialistas, é praticamente igual ao humano. As inquietações que rondam essa série, nas quais, imagem e título dialogam de forma ambivalente, permeiam a trajetória artística da autora, iniciada quando ainda era estudante do curso de Artes Plásticas da Universidade Federal do Espírito Santo.



Foram quatro as imagens selecionadas para integrar a exposição inaugural da Galeria de Artes da UNIR, intitulada *4 Nortes. Obrigada* é a primeira delas. Nesta, o coração é colocado no primeiro plano, segurado pela mão esquerda de uma figura feminina que oferece ao espectador a víscera fresca em agradecimento convencional, tensionando imagem e legenda.

O mesmo recurso é utilizado na imagem seguinte, *Volte mais tarde*, na qual um cadeado enferrujado e fechado indica um diálogo encerrado. As imagens seguintes, *Talvez* e *Corpos estranhos*, trazem também os ruídos e fissuras, constantemente silenciadas que enredam as negociações, na maioria das vezes convencionais, entre o sujeito e o outro.



